

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO

**O SENTIDO DA EXISTÊNCIA E DA ANGUSTIA NA
ATUALIDADE**

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO

**O SENTIDO DA EXISTÊNCIA E DA ANGUSTIA NA
ATUALIDADE**

O artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas com requisito para conclusão do curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Alessandro Freitas do Amaral.

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO

O SENTIDO DA EXISTÊNCIA E DA ANGUSTIA NA ATUALIDADE

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 24 de
novembro de 2015

Orientador: Prof. Me. Alessandro Freitas do Amaral
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini)
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, APRESENTADO^(A) POR RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.


Aos vinte e quatro dias do mês de novembro de dois mil e quinze, reuniu-se, no AUDITORIO CENTRAL, a Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, constituída pelos professores: PROF. ME. ALESSANDER FREITAS DO AMARAL (Orientador^(a)), PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI (Titular), PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA (Titular), para examinar o^(a) graduando^(a) RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO na prova de defesa de seu trabalho de conclusão de curso intitulado: O EXISTIR E A FALTA DE SENTIDO NA CONTEMPORANEIDADE. O^(a) presidente da Comissão PROF. ME. ALESSANDER FREITAS DO AMARAL, início os trabalhos às 21h30, solicitou ao graduando^(a) que apresentasse, resumidamente, os principais pontos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o^(a) graduando^(a) sobre diversos aspectos da pesquisa e do trabalho. Após a arguição, que terminou às 23h30, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do^(a) graduando^(a), tendo chegado aos seguintes resultados: PROF. ME. ALESSANDER FREITAS DO AMARAL (aprovado), PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI (aprovado), PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA (aprovado). Em vistas deste resultado, o^(a) graduando^(a) RODRIGO MATHEUS ASSUNÇÃO foi considerado^(a) aprovado, fazendo jus ao título de BACHAREL em Psicologia, podendo assim gozar da profissão de Psicólogo, pelo Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Sendo verdade eu, Lúcia Helena dos Santos França, Secretária do Departamento de Graduação em Psicologia, confirma e lavra a presente ata, que assino juntamente com o Coordenador do Curso e os Membros da Banca Examinadora.

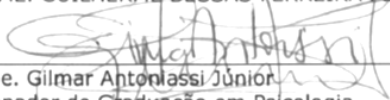
Patos de Minas, 24 de Novembro de 2015.

Novo título (sugerido pela banca): Rever título - Pensar em um novo título


PROF. ME. ALESSANDER FREITAS DO AMARAL


PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI


PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA


Prof. Me. Gilmar Antonassi Júnior
Coordenador de Graduação em Psicologia


Lúcia Helena dos Santos França
Secretaria do Departamento de Graduação em Psicologia

DEDICO este trabalho a minha família.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer aos meus professores por essas etapas e desafios que passamos e agradecer ao professor e orientador Alessandro Freitas do Amaral pelo seu suporte e atenção.

Gostaria também de agradecer a professora de TCC Luciana pela ajuda e formatação do meu trabalho.

Ao coordenador do curso de Psicologia, Junior Antoniassi pela ajuda e suporte nas horas que precisei.

Muito obrigado.

A recusa da existência é ainda uma maneira de existir. Ninguém conhece, enquanto vivo, a paz do túmulo.

Simone de Beauvoir

O SENTIDO DA EXISTÊNCIA E DA ANGÚSTIA NA ATUALIDADE

THE MEANING OF EXISTENCE AND DISTRESS IN THE NEWS

Rodrigo Matheus Assunção ¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Alessander Freitas do Amaral ²

Professor de Filosofia, Sociologia e Antropologia da FPM (Faculdade Patos de Minas) e de História do Colégio Nossa Senhora das Graças em Patos de Minas, MG. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de refletir sobre a questão do Sentido da Existência e da Angústia na atualidade. O sentido da existência é tão complexo e dividido, são opções que procuramos e tentamos nos identificar para dar um significado.

As pessoas de hoje tem vários motivos de serem como quiserem ligando sua liberdade ao vício de prazeres e seus trabalhos monótonos e angustiantes.

Dentro da clinicas vemos isso, ao qual a compreensão e a observação são suscetíveis a mudanças ou não. Na verdade, o ser humano, o mundo e a História vivem na instabilidade da temporalidade de que são tecidos. Nosso saber é sempre mutável, e, se por desgraça, se estabilizasse, estaria morto. Nós, bem como todos os seres temporais, rumamos para um tempo que chamamos teleológico, do qual nada sabemos de certo, nem cientistas, nem filósofos ou teólogos. Esta incerteza da condição humana é amparada pelas várias modalidades de crença religiosa. No que concerne ao modo de entender da fé cristã, o apóstolo Paulo diz: "fé é a certeza das

¹ Orientado. DPGPSI/FPM

² Orientador. Docente do DPGPSI/FPM

coisas que esperamos", do outro lado do tempo histórico. Ou seja, é uma "certeza paradoxal", uma certeza nada certa, mas a esperança de uma vida sem fim.

Palavras-chave: Sentido Angustia Existência, Atualidade.

ABSTRACT

This work was carried out from a literature search in order to reflect on the question of the sense of existence and distress today. The meaning of life is so complex and divided, are options we are looking for and try to identify us to give a meaning.

People today have many reasons to be as they wish linking their freedom to addiction pleasures and its monotonous and distressing work.

Within the clinics we see it, to which the understanding and observation are susceptible to changes or not. In fact, the human being, the world and history live in uncertain temporality that are woven. Our knowledge is always changing, and, unfortunately, was stabilized, would be dead. We, and all temporal beings, we head for a while we call teleological, which we know nothing for certain, neither scientists nor philosophers or theologians. This uncertainty of the human condition is supported by various forms of religious belief. Regarding the way of understanding the Christian faith, the apostle Paul says: "Faith is the substance of things hoped for," the other side of historical time. That is, a "paradoxical sure," a sure nothing certain, but the hope of a life without end.

Keywords: Feeling Angustia Existence, Current.

INTRODUÇÃO

O método do existencialismo é a fenomenologia. Em sua visão existencialista dividiu os seres que o constituem em seres *Em Si* e *Para-Si*, o primeiro conceito abrange tudo que existe no mundo, com exceção da consciência humana, que é entendida como *Para-Si* (PERDIGÃO, 1995). Uma colocação da fenomenologia é que este ser *Para-Si* (consciência) não é dotado de uma interioridade, algo escondido que deveria ser descoberto. De acordo com Santana (2005) não há uma realidade oculta no ser, ou seja, tudo que o ser é está no que aparenta, nos fenômenos. (p.34).

O existencialismo passou a ser compreendido como um estilo de vida, como um arsenal de comportamentos identificados aqueles excêntricos, subversivos e contrários a qualquer moral. O existencialismo foi sendo erroneamente compreendido, a começar pelo próprio termo. O termo *existencialismo* se origina da palavra *existentia*, que em latim é derivada de *existere*, a qual significa sair de casa, de um esconderijo. Existência, portanto, é todo esse movimento para fora, já que interiormente não a essência. Segundo Sartre (2001), o homem nasce um **nada** de determinações, pois, não possui um destino traçado a priori, ao contrário, passa a se construir a partir da livre escolha de seus projetos e conseqüentemente da possibilidade de alterá-los, conferida pela liberdade. Desse modo, “estamos condenados a ser livres”.

O ser humano não seria carregado de significado, fins e propósitos antes de sua existência, mas, pelo contrário, primeiro seria *lançado* ao mundo, ou seja, existiria desprovido de fins e conteúdo e só então faria com que estes fossem sendo estabelecidos.

A liberdade existencial foi outro conceito mal compreendido, ou talvez confundido com as concepções já existentes (livre arbítrio e liberdade do senso comum), o que concedeu ao existencialismo acusações de anarquismo e gratuidade, já que então, cada um poderia fazer o que bem entender.

As concepções tradicionais, por basearem-se em uma essência inata do ser, são conhecidas como essencialistas. Já a última, que dá ênfase ao fato de o ser humano primeiro existir e somente em seguida constituir uma essência, é conhecida como existencialismo (PENHA, 2001).

Essência refere-se ao que o ser é de fato, é aquilo que a coisa é, sem precisar de nada mais que a qualifique. A essência das coisas é encontrada quando se coloca entre parênteses todas as diferenças, chegando ao que todas elas têm em comum (PENHA, 2001). Com os seres humanos não é possível abrir estes parênteses, pois, apesar de se construir uma essência, esta é inerente às vivências de cada um, não existindo uma que seja comum e determinante a todos.

Com a existência dos outros o nosso projeto já não é mais solitário, pois o mundo já está dotado de significados, já estão criados os objetos, os utensílios os quais não escolhemos. Assim, nascemos em uma cultura, em uma religião, com um nome não escolhido por nós, em uma certa classe social, enfim, em **meios** não significados por nós, mas este mundo de antemão não limita nossa liberdade. Tudo

isso porque as coisas, os utensílios, as técnicas não são autossuficientes, não agem por si próprias, pois “nenhuma técnica pode preexistir ao uso que dela fazemos: sua existência depende do nosso projeto” (PERDIGÃO, 1995, p. 99).

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em forma de pesquisa bibliográfica. As palavras-chaves utilizadas para a coleta de materiais foram: existência, humano, angústia; falta de sentido. A pesquisa foi realizada utilizando-se artigos científicos, e livros conseguidos por meio de empréstimo em biblioteca.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

LIBERDADE HUMANA: A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE EM SARTRE.

Sartre, em um de seus mais conhecidos aforismos, dizia. *Eu estou condenado a ser livre*, já que, nesta ausência de essência da consciência, esta, se vê obrigada a projetar, a construir-se, O ser livre só pode existir porque segundo ressaltado anteriormente, é nada. Ou seja, não possui conteúdos a priori que determinam suas escolhas. Segundo Santana (2005), por ser faltante é que o ser humano se constitui como ser dos possíveis, existindo uma responsabilidade da consciência ou Para-Si em escolher o ser. Logo, o ser seria dotado da possibilidade de fazer-se (PERDIGÃO, 1995).

A consciência imprime em cada ser humano o caráter do projetar-se, o qual, por sua vez, o condiciona a ser livre para buscar um fim último. Por fim, pela impossibilidade deste fim ser alcançado, o para-si se enxerga numa situação que o angustia (SILVA, 2007).

Contudo, para que haja escolha, para que se possa prefigurar o futuro, é indispensável haver também um passado, pois este toma a qualidade de imutável, que por sua vez pode ser mudado. Assim, toda e qualquer mudança só se torna possível a partir daquilo que é e permanece sempre a mesma coisa. O passado não pode ser mudado, isto é fato inegável. Todavia, somente a partir dele é que tomamos nossas decisões, pois a sua presença está marcada em todos os nossos projetos. Assim, para que o futuro seja realizável, é preciso que o passado seja irremediável

Dessa forma, a angústia resulta da revelação da nossa própria liberdade sem peias, limitada apenas por si mesma, fonte absoluta de todo sentido. Mas esta liberdade só é descoberta reflexivamente, quando, engajada no mundo, em vez de realizar meus possíveis se quiser, meus fins ou meu futuro, eu os aprendo como meus (MOUTINHO, 2003, p. 77).

O homem, como concebe Sartre, primeiramente não é nada, mas encontra-se lançado no meio do mundo. A realidade primeira é a sua existência, situação fática que ele descobre e assume conscientemente. Por isso, o existencialismo prega que *a existência precede a essência*, entretanto antes do homem estabelecer-se, ele surge e descobre-se no mundo onde está inserido, ou seja, ele existe para definir-se. Com efeito, a essência do homem não é inata e sim algo que se estabelece a partir de sua existência (SARTRE, 1998).

Segundo HEIDEGGER (1982), somos *lançados* no mundo, sem escolha pessoal, sem conhecimento prévio deste mundo que está aí diante de nós e estará aí depois de nós. Não sabemos a que fim fomos lançados na existência. Entretanto, é justamente esse desconhecimento que torna a condição *lançada* da existência humana mais enfática e palpável. A existência é uma questão de assumir ou não a própria vida.

Assim, o primeiro passo do existencialismo é o de por todo homem no domínio do que ele é, e de lhe atribuir total responsabilidade pela sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens (SARTRE, 1978).

Ao afirmar a precedência da existência em relação à essência, o filósofo estabelece a primeira máxima existencialista: o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define (SARTRE, 1973, p. 12). Ele parte do princípio de que se Deus não existe é possível encontrar pelo menos um ser no

qual *a existência precede a essência*, um ser que anterior a qualquer definição religiosa exista no mundo: tal ser é o homem. Assim, o filósofo afirma que não há nenhum destino ou propósito exterior, isto é, que o homem está atirado no mundo, é único, só e possuidor de plena liberdade, sem nenhuma moral transcendente, daí resulta na conseqüente responsabilidade e posicionamento ético que deve assumir.

Conceitua a liberdade como uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. Não existe nada que obrigue o ser humano agir desse ou daquele modo. Sartre tem como ponto de partida a liberdade nas ações de escolher, o que fazer é sempre intencional, ou seja, é impulsionado por um desejo consciente dos princípios dessa escolha. Porém, para Sartre, não há princípios prontos que possam de guiar a escolha humana (SARTRE, 1978).

Dessa forma, a falta de princípios norteadores da ação é ratificada na obra. O Existencialismo é um Humanismo, Sartre expõe que se o homem é livre para agir e não existem valores genéricos que sirvam de guia para nossa vida, compete ao próprio homem, em suas ações concretas, construir os valores que possam orientar suas escolhas.

O homem usa a sua liberdade para escolher o que projeta ser, e a partir desta escolha são criados os seus valores. Para Sartre, não há como recusar a escolha, porque a fuga dessa opção já constitui uma escolha, é nesse sentido que estamos condenados a ser livres. Afinal, dirá Sartre *A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher* (SARTRE, 1973, p. 23).

Ainda segundo Sartre a liberdade, portanto, é algo que condiciona o homem, independentemente de sua vontade, mas isso não significa que não seja possível a concretização da liberdade, isto é, sua negação, sem importar se esta liberdade se revela por uma criatividade original do autor instituída ou destituída de intenções falsas. O homem é livre, consciente disso, se angustia porque se vê compelido a escolher. A angústia da liberdade é angústia de optar, de fazer escolhas. Assim, Sartre, concebe o homem como angústia. O homem se dá conta de que ele não escolhe o que deve ser, mas é um ser que escolhe a si próprio e a humanidade inteira. Tendo então, grande responsabilidade sob sua própria situação existencial.

O centro organizador e o cerne estruturador do conjunto de sua obra é a sua preocupação com a problemática da liberdade e a sua concepção de indivíduo. A

liberdade é sempre manifestada em condições existenciais determinadas. O homem é compreendido como liberdade que se constrói na história através de um processo de libertação e conseqüente eliminação da fome e da exploração. Sartre insiste na primazia das práxis individuais face a face com as estruturas coletivas e institucionais. A primazia e centralidade atribuída a práxis individual, intimamente relacionada com a liberdade, é que define a especificidade do projeto fundamental de Sartre em toda a variedade de suas manifestações. A contingência da situação oferece ao escritor a matéria prima para a criação de sua obra. Percebe-se que a preocupação com a moralidade é dominante no seu pensamento, perpassando em todos os seus escritos uma moral latente (MÉSZAROS, 1991).

O princípio fundamental do existencialismo sartreano diz que a existência precede a essência e, segundo este lema, o homem não possui uma essência, dada a priori. Ele, em primeiro lugar, surge na sua espontaneidade e somente depois se define, se faz aquilo que vem a ser. O ato de projetar-se e lançar-se à frente de si mesmo, de fazer-se e assumir-se no mundo por via de realização de alguma possibilidade, caracteriza a primazia da existência sobre a essência. O homem é liberdade. Esta não é uma faculdade humana, uma disposição ou capacidade de agir livremente (SARTRE, 2000).

O caráter original da liberdade nos leva a entender que ela não é algo que o homem tenha, mas algo que o homem é. Sendo liberdade, ele não é nada além da possibilidade de ser. Ele é levado a assumir um projeto de existência, que tentará realizar-se como modo de ser no mundo.

O compromisso com o outro é uma regra de vida, um projeto assumido independente de qualquer concepção de homem ou de mundo em vigor. A teoria do compromisso é um dos elementos de convergência entre os existencialismos cristãos e ateus, pois nestes pontos todos atingem a condição do homem e não os seus fins últimos (MOUNIER, 1963).

O empenho de nosso filósofo, ao longo do desenvolvimento de sua filosofia, está na existência do indivíduo concreto. Muitas questões continuam abertas, mas é certo que a incompletude pertence à própria condição do pensamento contemporâneo e os problemas deixados em aberto por Sartre não são só problemas dele, mas questões que integram a própria consciência filosófica do nosso tempo, por abarcar a situação humana por inteiro (PERDIGÃO, 1995).

Existem padrões sociais com seus hábitos e expectativas, os quais envolvem os níveis mais vivenciais mais subjetivos, singulares do ser, por onde passa a definição do comportamento das pessoas, de forma original. Desse modo, ganha interesse a observação de que: Num mundo de máquinas cada vez mais exatas e perfeitas, ganha sentido cada vez mais valioso a capacidade humana de errar (ARENDR, 1989).

O foco é a autoconsciência, enquanto consciência de si mesmo, em articular a autoconsciência do tempo perdido, que corresponde aquilo que perdeu que ficou que desapareceu que é a impossibilidades da necessidade de viver o agora, o momento presente, e não o que já passou ou ainda não chegou. Proporcionar o máximo de autoconsciência para favorecer um aumento das possibilidades e clarificar como agir no futuro em novas direções passa a ter significado. A abertura de novas possibilidades de vir-a-ser de acordo com o novo projeto de vida é uma questão bem ponderada para o crescimento pessoal. A pretensão é ajudar o cliente a descobrir o seu poder de autocriação e a aceitar a liberdade de ser capaz de usar as suas próprias capacidades para existir, conforme nos esclarece (ERTHAL, 1999).

Segundo (Calmon, 2002), a existência do homem se refere à sua relação de ser-no-mundo. Estar-no-mundo constitui um fato por si só determinante e de desespero. O ser-no-mundo significa uma luta constante do homem consigo mesmo, para não perder a dignidade existencial e características individuais. O princípio apresentado pelo mundo, hoje, em que os valores são determinados pelas normas sociais, há que se ter um discernimento significativo, em meio a conflitos diversos; neste caso, a lucidez será uma aliada imprescindível para uma reflexão constante, a fim de não se tornar presa fácil de um sistema social em que a dignidade humana não é questionada. Só existe liberdade em situação e situação em liberdade, pois a humanidade encontra resistências às quais não criou, mas que estas só têm sentido na e pela livre escolha que a realidade humana é (SARTRE, 2000, p.602).

Desta forma, é a própria liberdade que encontra os obstáculos resistentes a si, e esta não poderia existir se não fosse restringida. A liberdade é escolha, e só é verdadeiramente livre porque constitui a facticidade como sua própria restrição (SARTRE, 2000, p. 609).

O primeiro deles, que é construído pelo sujeito desde a infância, através do **lidar com o seu redor**, é carente de liberdade e autenticidade, é elaborado sob influência do projeto dos pais. O segundo é estabelecido por uma conversão radical,

na qual o indivíduo, corrompido, inautêntico, precisa resgatar-se, assumir seu projeto de forma consciente. Os projetos, ou ações, do indivíduo são decorrentes desse projeto orientador. Logo, se permanece projeto inautêntico e irrefletido, o que se segue são apenas expressões irrefletidas deste (BURSTOW, 2000).

A ANGÚSTIA EXISTENCIAL

A angústia surge, então, sempre que existe a possibilidade de escolher ou de não escolher; se não escolhe, o indivíduo fica paralisado; porém, o indivíduo, em muitas ocasiões, tem medo de escolher e de se perder nesta escolha, de fazer a escolha equivocada. A realidade é que a existência é possibilidade e, portanto, quase sempre angústia (MAY et al., 1968) A certeza é uma qualidade interna, acessível só para o indivíduo que pode pensar, sentir e atuar como uma unidade psicológica e ética.

A angústia é observada como uma inquietante estranheza, um sentimento sinistro, é algo que o sujeito sente de forma inegável e avassaladora; o indivíduo é afetado em ato, no instante. Ele é como que tomado por esse turbilhão de emoções profundamente assustadoras e contraditórias, que o deixam, por vezes, profundamente desorientado. Etimologicamente, a palavra angústia originou-se do vocábulo grego Argor (PEREIRA, 1998) que significa estreitamento, diminuição. É como se, nos momentos de angústia, o indivíduo se sentisse sufocado, como se a passagem do ar se tornasse impossível e a conexão com o cosmos diminuísse, trazendo uma sensação de desolamento e aniquilação. O indivíduo tem a sensação de desamparo e solidão; nesta situação, ele se encontra isolado em sua emoção, fechado em si mesmo. Mais especificamente, o indivíduo **fechado** não está fechado consigo mesmo, mas fechado de **si mesmo** e de outros indivíduos. Ele está **apartado** de si, distante de seu íntimo e tendo por companhia esse isolamento, essa solidão. Entre as questões desenvolvidas por Sören Aabye Kierkegaard (HARARI, 1997), insere-se, na questão da angústia existencial, o tema da subjetividade humana.

O indivíduo possui liberdade de escolha para fazer opções em sua vida e, em contrapartida, está consciência de liberdade suscita no sujeito o aterrorizante sentimento de angústia (SARTRE, 1997).

Sartre (1997) afirma que o homem nasce, vive e se desenvolve sozinho, sem nenhuma natureza anterior; pois, para ele Deus não existe e não há qualquer plano divino que determine o que deva acontecer, pois o homem é livre e nada o obriga a nada. É através da liberdade que o homem escolhe o que há de ser, escolhe sua essência e busca realizá-la. É a escolha que faz entre as alternativas com que se defronta que constitui sua essência, e que lhe permite criar seus valores. Não há como fugir a essa escolha, pois mesmo a recusa em escolher já é uma escolha. Ao escolher, o homem escolhe sua essência e a realiza.

A estrada a ser trilhada coloca o indivíduo face-a-face com seus desejos, com sua realidade nua. A angústia se dá através do reconhecimento de que os valores são individuais e únicos, e que pertencem a cada um e nada ou ninguém; seja Deus, a igreja, ou o partido político, pode de forma formar a si mesmo sem nenhuma causalidade, e por esse determinismo gera no indivíduo a náusea ou um grande vazio frente a sua própria existência, pois a angústia e náusea são sofridas pelo homem a despeito de si, pois o homem prefere o mundo em que vive, e por isso estas experiências se tornam insuportáveis. No mais, o homem não pode controlá-las ou pode-o somente em parte rever (KIERKEGAARD, 1968).

No entender de Sartre, o indivíduo está **condenado à liberdade**; e que não há limite para a liberdade individual, exceto o fato de que não somos livres para deixarmos de ser livres. O ser humano é livre, só e sem escusas. Por esta razão, cada indivíduo tem o dever de fazer de si o que quiser. O indivíduo tem a liberdade de mudar sua vida, seus desejos e buscar um novo significado para sua existência; sendo assim, ele encontra-se abandonado à sua própria sorte, não tendo em que se apegar (ALMEIDA, 1998).

Por não haver um objeto determinado que angustie o homem, a angústia manifesta o nada. Enfim, nos angustiamos, mas não conseguimos identificar o objeto de nossa angústia. Para Heidegger (s/d apud WERLE, 2003), o nada se coloca por si mesmo na angústia, não precisa ser criado, mas se revela na angústia e ao mesmo tempo a provoca, ele é a causa e o efeito ao mesmo tempo (WERLE, 2003).

Entende-se então que a angústia não representa o medo da morte pela morte, mas representa a consciência de ter que viver mesmo diante da iminência da morte, da finitude. O paradoxo da angústia reside no movimento do homem em direção a um constante e inquietante devir e, ao mesmo tempo, desvela a insegurança do mesmo em relação ao amanhã, o qual não conhece (ANGERAMI, 2000).

O meu projeto de existir nesse mundo objetivo esbarra, inevitavelmente, no projeto de existência do Outro, o qual é diferente do meu. Portanto, tenho que conviver com a liberdade do Outro, o qual assim como eu necessita cartografar sua existência através de suas escolhas, atos e projetos. Essa liberdade aliada à responsabilidade de se fazer de maneira autônoma suscita no homem uma angústia diante o seu próprio existir, pois deve considerar além de seu querer, o querer do Outro e o mundo das coisas, isto é, deve-se conhecer convivendo em meio a demais projetos (SARTRE, 1997).

A angústia existencial, a partir de relatos de Angerami e Feijoo (1999), é manifestada pelo sujeito, em contexto psicoterápico existencial, na tentativa de encontrar justificativas para não se permitir lançar ao devir. A partir de Heidegger (1989 apud ANGERAMI; FEIJOO, 1999), a angústia é decorrente do temor experienciado pelo sujeito ao ter de escolher dentre possibilidades futuras, ou seja, refere-se à vivência do temor diante a possibilidade de escolher sem a certeza de que se está optando pela melhor direção, uma vez que, ao eleger algo diversas possibilidades são abandonadas.

A angústia é, por vezes, expressa pelo cliente em psicoterapia por meio de condutas paralisantes, que o aprisionam e o impedem de seguir determinados caminhos e tomar certas atitudes. Isso porque ele acredita que não escolhendo, não corre riscos, bem como assume o controle do tempo. Ressalta-se que para não escolher o sujeito constrói inúmeras justificativas, seja pelo Outro que o impede de realizar, seja por medo ou pânico (ANGERAMI; FEIJOO, 1999). Entretanto, essa não escolha não se faz verdadeira, já que até mesmo essa é uma atitude de decisão.

O fenômeno da angústia uma vez manifesta em psicoterapia necessita ser compreendido a partir do cliente, isto é, de acordo com Angerami (2000) é de fundamental importância que o psicoterapeuta se preocupe em questionar como o cliente sente e vivencia esse fenômeno. Para tanto, a escuta deve-se voltar para aquilo que o cliente sente quando diz estar angustiado, ou seja, estar atento à maneira como descreve e vivencia a angústia, suas sensações, sintomas e medos decorrentes dela.

Alguns clientes relatam a angústia como sendo o medo da não realização das possibilidades existentes. Outros, por sua vez, trazem o medo de ficarem enredados pela angústia, pois alegam não encontrarem saída para o sofrimento. Há aqueles ainda que temem morrer e por isso deixam de viver, como se pudessem evitar

a morte ao optar por uma existência inerte. Nesse caso não se fala de uma angústia própria da realidade humana, mas sim de uma angústia que prende, sufoca e impede o cliente de viver plenamente (ANGERAMI, 2000).

DISCUSSÃO

Ao longo de sua obra, Sartre propõe que a liberdade seja pensada como uma experiência constitutiva da ação humana. Em suas críticas mais contundentes ao pensamento liberal, Sartre define a *livre escolha* do liberalismo como uma escolha que se realiza entre opções já dadas, que negligencia a reflexão do sujeito sobre como encaminhar sua vida, sobre quais opções são válidas para serem objeto de escolha, e quais não. Essas seriam reflexões que provocariam a angústia no exercício da liberdade. Esse sentimento não discutido pela teoria liberal aparece, no existencialismo, quando o sujeito toma consciência de que pode mudar sua ação (seus valores), pois esta é resultado de sua liberdade, ou, melhor dizendo, sua ação é sua liberdade. Isso significa dar-se conta de que o conjunto de possíveis que aparecem diante de si quando um sujeito está em situação de escolha é produzido pela condição desse sujeito no mundo, na qual ele está intimamente implicado. As possibilidades de escolha não são, para Sartre, dadas de saída, mas são colocadas pelo sujeito a partir de seus valores, de sua posição no mundo, do que o autor chama de seu projeto. Opções que se colocam claramente para alguns sujeitos não são sequer cogitadas por outros que se encontram na mesma circunstância. É conhecida a frase de Sartre em *O Ser e o Nada* a esse respeito: *Quando delibero, os dados já estão lançados* (SARTRE, 2007).

Nomeia este novo modelo de existência, como uma *vida light*, onde tudo está sem calorias, sem gosto ou interesse, a essência das coisas não importa só o que é quente e superficial (ROJAS 1996). De acordo com Rudio (2001), o Ser, enquanto construção pessoal é fruto da responsabilidade assumida com relação à própria existência, na busca de mantê-la e aperfeiçoá-la; é buscar realizar-se dentro das condições de seu existir no mundo.

Não-Ser é a negação de si, infidelidade para consigo mesmo e a frustração das próprias realizações pessoais. É a busca pelo Parecer-Ser e Parecer-Ter, é representar papéis na busca de estima, admiração, prestígio e poder, papéis estes que não têm nada a ver com o indivíduo em questão.

Na existência inautêntica, Heidegger (1982) nos dirá que o ser encontra-se constantemente temeroso, preocupado com a opinião de outros homens, de estar dentro dos padrões materiais e psicológicos que lhes são impostos. De acordo com Rudio (2001), o Ser, enquanto construção pessoal é fruto da responsabilidade assumida com relação à própria existência, na busca de mantê-la e aperfeiçoá-la; é ter fidelidade para consigo mesmo, não querendo ser mais e nem menos que sua própria realidade, é buscar realizar-se dentro do possível, dentro das condições de seu existir no mundo.

A falta de sentido da vida provém da incapacidade do ser humano se autoconhecer e de agir como ser pensante e autônomo. O homem moderno não tem mais a responsabilidade pelo que é. Ele perdeu a capacidade de fazer alguma coisa por si mesmo e se sentir bem com a vida.

Em uma época onde os valores se relativizaram e onde o vazio interior e falta de sentido tornaram-se parte da experiência humana, o existencialismo tem algo muito importante a nos oferecer. É um instrumento que pode nos ajudar a superar nossas angústias e nos levar à liberdade, nos ajudando a agir de forma autônoma (MOUTINHO, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostra as ideias diferentes e divergentes enquanto as pessoas se interligam umas com as outras e não fazem o que realmente elas querem, se é ganhar ou perder.

Neste mundo tecnológico e com mudanças rápidas requer cuidado e espera para entender o outro, para compartilhar o que sedemos e o que nos motiva.

As percepções existenciais deixam claro como querem mostrar que estamos vivos e existindo, as pessoas podem mudar ou não se quiserem, mas o que vai definir o que ela é será o outro e ela mesma de uma visão embaraçosa e conflitiva de emoções e de saber onde ela está no seu mundo sem sentido.

Na contemporaneidade precisamos saber onde estamos e saber lidar com as questões no convívio social, relacionamentos, tecnológico e religião algo que cresceu nos últimos anos se tratando da religiosidade. Pessoas e mais pessoas procuram religiões pra um sentido em suas vidas e na busca por Deus.

Numa sociedade que é diversificada geralmente individualista como é hoje, todos querem ser únicos e admiráveis por estarem em posições elevadas e idolatradas por outros. Cada indivíduo está na sua busca desse sentido de se sentir bem e acomodado. O vazio existencial entra em cena, atacando seus conhecimentos e frustrações de como não saber lidar com suas angústias e perdas, retomando aos instintos adormecidos e agindo de formas de dominação e manipulação ao outro, de não aceitar como realmente ele é.

O que realmente leva o ser a pensar sobre si é quando ele está em um nível de fraqueza e solidão, é tentando entender o verdadeiro significado da visão de si mesmo. Nessa visão o pensamento e as ideias vão se aflorar de várias maneiras e compreender que a vida nos dá uma chance mesmo sendo pequena, mas traz uma brecha de seguir aquele caminho ou outros caminhos que levará a um sentido de conquista e satisfação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando José. **Sartre: é proibido proibir**. São Paulo: FDT, 1998.
- ANGERAMI, V. A. **Angústia e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 194 p.
- ANGERAMI, V. A.; FEIJOO, A. M. L. C. **A psicoterapia existencial: uma pesquisa fenomenológica**. In: ANGERAMI, V. A. A prática da psicoterapia. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 7-35.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. 1ª Ed. 10ª Reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambiguidade: uma introdução da filosofia de Sartre**. Rio de Janeiro: Marcelo Jacques, 2005.
- BURSTOW, B. **A filosofia Sartreano** como fundamento da educação. Educação & sociedade, n. 70, a. 21, p.103-126, abr. 2000.
- ERTHAL, Tereza Cristina. **Introdução. Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicologia**. 3 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1999. p. 57.
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O conceito angústia**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.
- LUIZ, M. **Existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 2003. (Passos 61).
- MÉSZAROS, **A obra de Sartre: busca da liberdade**. Ensaio, São Paulo, p.34-48, 1991.
- MOUTINHO, Luiz D.S. **Sartre:Existencialismo e Liberdade**. São Paulo: Moderna, 2003.
- MOUNIER. **Introdução aos existencialismos**. Duas Cidades, São Paulo, p.56-89, 1963.
- PAULO, PERDIGÃO. **Existência e liberdade: introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: LPM, 1995.
- PENHA. **O que é existencialismo**. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 2001.
- PEREIRA, Everli Fernanda. *et./al.* **O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre**.
 Ano 2009 Disponível em:

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/87BLW0hYmfXo34t_2013-5-13-16-3-56.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2014.

SANTANA. **Nada como princípio metafísico na constituição da consciência em Sartre.** Urutagua, Maringá, p.1-15, 6 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/006/06santana.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SARTRE, João Pereira. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica.** Tradução de Paulo Perdigão. 5^o ed, RJ: Vozes, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Somos livres para nos tornarmos livres.** Cérebro e Filosofia, São Paulo, p.55-61, 4 jul. 2007. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1231>> Acesso em: 12 mar. 2015.

WERLE, M. A. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger.** Trans/Form/Ação, Marília, v. 26, n. 1, 2003. Disponível em: Acesso em: 29 jun. 2010.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autora Orientanda:

Nome completo: Rodrigo Matheus Assunção

Endereço:

Telefone:

Email: rodrigoassuncaoruivo@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Alessander Freitas do Amaral

Endereço: Rua Major Gote, 1901, FPM/Campus Shopping, 2º andar. Centro. Patos de Minas, MG.

Telefone: (34) 3818-2300

Email:

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas 24 de novembro de 2015.

Rodrigo Matheus Assunção

Alessander Freitas do Amaral